

**AIDS NA ESCOLA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL¹**

**AIDS IN SCHOOLS: SOCIAL REPRESENTATIONS OF
ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS**

Rita de Cássia Pereira Lima

ritalima@netsite.com.br

Flávia Chaves Ramos

flaviacramos@yahoo.com.br

RESUMO: A pesquisa tem o objetivo de analisar as representações sociais da aids entre professores da 6ª série do Ensino Fundamental, situando-os no contexto de discussões sobre o tema que podem ocorrer na escola. A teoria moscoviciana das representações sociais fundamenta o trabalho. A metodologia se inspira na pesquisa etnográfica em educação. Participaram do estudo oito professores, das áreas de Português, Ciências, Matemática, História, Geografia, Artes, Inglês e Educação Física. A pesquisa de campo, realizada durante um semestre, incluiu entrevistas, questionários e observações anotadas em diário de campo. A abordagem da aids relaciona-se, principalmente, aos valores dos sujeitos no que se refere à sexualidade, denotando uma rede complexa de relações sociais que envolve também alunos, diretora e pais. O estudo pretende possibilitar debates e ações educativas no universo escolar, contextualizando a aids no âmbito de questões psicossociais que atingem a sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Aids, Representações Sociais, Escola, Professores, Ensino Fundamental.

ABSTRACT: The purpose of the research is to analyze the social representations of aids among fifth grade elementary school teachers, placing them in the context of the discussions of this theme that can occur in the school. The Moscovician theory of social representations underlies the work. The methodology is inspired in ethnographic research in Education. Eight teachers of Portuguese, Science, Mathematics, History, Geography, Arts, English and

¹ Este trabalho foi originalmente apresentado na 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no Grupo de Estudos (GE) Gênero, Sexualidade e Educação, em 2005.

Physical Education participated of the study. The field research, made during a semester, included interviews, questionnaires and observations written down in a field diary. The approach of aids is, mostly, related to the values of the subjects regarding sexuality, denoting a complex net of social relations that also involves students, principal and parents. The study intends to make possible debates and educational activities in the school universe, contextualizing aids in the ambit of psychosocial questions that affect nowadays society.

Key words: Aids, Social Representations, School, Teachers, Elementary School.

Introdução

O objetivo da pesquisa é analisar as representações sociais da aids entre professores da 6ª série do ensino fundamental de uma escola municipal do interior de São Paulo. Com inspiração nos Temas Transversais – ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural e orientação sexual – propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), o trabalho procura situar os professores no contexto de discussões sobre aids que podem ocorrer na escola.

As questões norteadoras da pesquisa são: o que vem à mente dos professores quando eles pensam em aids? Como o tema é trabalhado em sala de aula? Como é possível trabalhar a temática na escola? As condições de trabalho permitem que os aspectos acima sejam contemplados? Quais são as dificuldades? Há ocorrência de resultados positivos? A transversalidade proposta pelos PCN é possível?

Para aprofundar esses questionamentos, o texto se divide em quatro partes: 1 – Aids e escola; 2 – Representações sociais: uma contribuição para o estudo da aids na escola; 3 – A inspiração na pesquisa etnográfica em educação; 4 – Representações sociais da aids: os discursos dos professores no contexto escolar.

Aids e escola

A aids adquiriu impacto na sociedade atual, integrando aspectos biológicos, afetivos e sociais. A doença desperta reflexões e debates sobre as relações sociais que envolvem os considerados “grupos de risco” e também faz

emergir a questão da vulnerabilidade. Assim, todos os indivíduos podem se sentir afetados pela doença, visto que ela envolve temas complexos como sexualidade, drogas, transfusão de sangue, entre outros. Trata-se de tema atual, que pode estar presente no universo escolar.

Ao propor os Temas Transversais, os PCN objetivaram inserir questões sociais atuais na perspectiva da transversalidade, visando romper barreiras que separam disciplinas específicas. Embora a intenção deste texto não seja discutir o conceito de transversalidade, aqui ele é entendido como uma proposta em que alguns temas transversais se tornam eixos dos conteúdos escolares, devendo ser trabalhados interdisciplinarmente com algumas disciplinas tradicionais do currículo (ARAÚJO, 2000).

Nesse sentido, a aids incita discussões em todos os temas transversais. Embora seja freqüentemente relacionada à “saúde” e “orientação sexual”, pode ser discutida sob a ótica de temas como ética, pluralidade cultural e meio ambiente. Na perspectiva da transversalidade dos PCN, o tema pode ser inserido na escola despertando nos alunos uma percepção crítica da realidade social. Sabe-se que o preconceito e a discriminação de soropositivos são comuns na sociedade. Um dos fatores que contribui para essa situação é a falta de informações e de discussões coletivas sobre o tema. A instituição escolar é um espaço onde a temática pode ser abordada, com reflexões sobre promoção da saúde e também sobre regras e normas sociais.

Abordar o assunto na sala de aula, na escola ou na comunidade, assim como temas correlatos como sexualidade e toxicomania, parece ser uma tarefa árdua que suscita debates. Para Larue (2000), a sexualidade era, há décadas, reservada ao espaço da família. A partir dos anos 60/70, com a difusão da pílula anticoncepcional, o desenvolvimento do feminismo, os movimentos para o controle da procriação e a liberação dos costumes, a escola é solicitada quanto a propor referências educativas para gerar, discutir e debater novas condutas sexuais. Segundo o autor, a Educação para a Sexualidade ilustra a necessidade de ultrapassar a informação para se considerar, na troca com os jovens, dimensões emocionais, culturais e éticas, que para eles estão associadas.

Peretti, Karsenti e Leselbaum (1993) analisaram o problema da aids na escola, dentro da realidade francesa. Para as autoras, alguns dos principais papéis dos educadores são: informar os jovens, dar a cada um os meios de fazer suas próprias escolhas, desenvolver o senso da responsabilidade e da tolerância. Afirmam que a adolescência é um período de mudanças psicológicas e sociais. Significa também o tempo das primeiras experiências sexuais e de abertura para a vida. Os educadores deveriam propor aos jovens uma combinação de aprendizagens planejadas, destinadas a facilitar a adoção voluntária de comportamentos que conduzam à saúde. Favorecer a escuta e o diálogo sobre temas de saúde, principalmente a aids, pode facilitar a expressão dos jovens e também o acompanhamento de suas reflexões.

No contexto brasileiro, Seffner (2000) sugere que o trabalho educativo de prevenção de HIV, para ser eficaz, deve partir do conhecimento dos vários caminhos, representações e valorações da aids no Brasil, e entre os adolescentes. Para o autor,

A prática educativa deve respeitar a diversidade sócio-econômica, cultural e religiosa existente no país, levando em conta as particularidades de compreensão e relacionamento com o HIV que produzem as situações de vulnerabilidade (...) de várias formas, o tema da aids já está presente na escola, quando não os próprios casos de aids, senão entre os alunos, entre parentes e conhecidos deles e nossos, ou então basta abrir os jornais para tomar conhecimento. Mesmo que a aids não 'estivesse' ainda dentro da escola, sabidamente questões acerca da sexualidade já lá estão, e é ao redor delas que se pode dar a transmissão do HIV atualmente (SEFFNER, 2000, p.127).

A abordagem da aids na escola é abrangente, envolvendo esse tema polêmico que é a sexualidade. A contribuição desse trabalho consiste em estudar as representações sociais que os professores de 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal do interior de São Paulo têm da doença. Supõe-se que analisar essas representações dentro de uma instituição escolar implica em possibilitar novos elementos de reflexão e ações educativas relacionadas ao tema. Nesse sentido, tecer algumas considerações teóricas sobre as representações sociais torna-se fundamental.

Representações sociais: uma contribuição para o estudo da aids na escola

Essa pesquisa é fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (1961). Dentro de uma visão ampla, as representações sociais (RS) podem ser entendidas como imagens mentais, idéias sobre as coisas e as pessoas, maneira de vê-las, ou como um conjunto de símbolos, imagens e modelos veiculados numa sociedade para caracterizar pessoas, situações, objetos.

Moscovici propôs a noção de “representação social” em seu trabalho intitulado *La psychanalyse, son image, son public*, publicado na França em 1961. Seu objetivo foi estabelecer uma relação entre os conhecimentos produzidos pela psicanálise, enquanto ciência, e a maneira como ela era apreendida por várias camadas da população nos anos 50. Interessado pelo conhecimento produzido pelo senso comum, o autor firma que as representações sociais ocupam uma posição “mista” porque estão situadas na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos. Ele enfatiza a necessidade de se fazer da representação “uma passarela entre o mundo individual e o mundo social” (MOSCOVICI, 1993, p.82).

De acordo com o autor, as representações sociais estão organizadas de maneira muito diversa segundo as classes, as culturas ou grupos e contribuem para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais. Elas se formam principalmente quando as pessoas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação de massa, à herança histórico-cultural da sociedade. São imagens que condensam um conjunto de significações, de sistemas de referências que permitem que se interprete os acontecimentos, que se dê sentido ao inesperado (MOSCOVICI, 1978).

Jodelet (1996) se refere às representações sociais como conhecimento “espontâneo”, “ingênuo”, chamado “conhecimento do senso comum”, ou “pensamento natural”, em oposição ao pensamento científico. Ele se constitui a partir das experiências, mas também de informações, saberes, modelos de pensamento recebidos e transmitidos pela tradição, educação, comunicação social.

Trata-se de um conhecimento socialmente elaborado e partilhado. Para a autora, as RS estão ligadas a sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado de conhecimentos científicos, à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos (JODELET, 1993).

De acordo com Sá (1996), elas são reconhecidas como fenômenos psicossociais histórica e culturalmente condicionados, sendo que sua explicação deve se dar aos níveis de análise posicional e ideológico. Para Abric (2001)

a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu ambiente físico e social, ela vai determinar seus comportamentos ou suas práticas. A representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais. Ela é um sistema de pré-decodificação da realidade porque determina um conjunto de antecipações e de expectativas (p.13).

O autor comenta que a TRS causou impacto porque é um testemunho da renovação do interesse pelos fenômenos coletivos, e mais exatamente pelas regras que regem o pensamento social. Nesse sentido, o estudo do pensamento “ingênuo”, ou do “senso comum”, tornou-se essencial. Abric afirma que a “identificação da ‘visão de mundo’ que os indivíduos ou os grupos têm e utilizam para agir e para tomar posição é indispensável para compreender a dinâmica das interações sociais e clarificar os determinantes das práticas sociais” (2000, p.27).

Vários estudos sobre RS foram produzidos no campo da saúde. Segundo Adam e Herzlich (2001), a pertença a uma cultura fornece ao indivíduo os limites dentro dos quais operam-se as interpretações relativas aos fenômenos corporais, particularmente no que diz respeito à doença e seus sintomas. Ao interpretar os fenômenos orgânicos, os indivíduos apóiam-se em conceitos, símbolos e estruturas de referências interiorizadas conforme os grupos sociais e culturais em que se inserem.

Trabalhos sobre representações sociais envolvendo saúde e doença visam compreender melhor algumas afecções que atingem a sociedade, muitas

vezes se constituindo em fenômeno social. É nesse contexto que se situa a aids.

Jodelet (1993) menciona que quando essa doença apareceu nos anos 80, ainda não existiam averiguações suficientes. Antes que a pesquisa científica fornecesse esclarecimentos, as pessoas elaboravam “teorias” apoiando-se em dados relativos aos portadores (drogados, hemofílicos, homossexuais, indivíduos submetidos a transfusão de sangue) e aos vetores (sangue e esperma). Esta situação favoreceu a emergência de duas concepções: uma moral e social e outra biológica. No primeiro caso, a doença torna-se um estigma social que pode conduzir ao ostracismo e à rejeição de certos grupos, causando submissão ou revolta dos sujeitos estigmatizados ou excluídos. No segundo caso, há a crença que a contaminação se dá por outros líquidos corporais além do sangue e do esperma, por exemplo, a saliva e o suor. Ou seja, apesar dos desmentidos do corpo médico, acreditava-se que a aids podia contaminar por simples contato com secreções corporais ou por objetos sobre os quais elas são depositadas. Desta maneira, segundo a autora, duas representações – uma moral e outra biológica – são construídas para acolher um elemento novo.

Joffe (1994) expressa reflexões próximas ao estudar as representações sociais da aids entre jovens sul-africanos e britânicos. Para a autora, o medo do desconhecido motiva as pessoas a criar representações sociais de novos fenômenos. Os objetos sociais estranhos evocam medo, porque ameaçam o sentido de ordem das pessoas e sua sensação de controle sobre o mundo. A autora constata que, em geral, os indivíduos pertencentes a um grupo imaginam que a possibilidade de se contaminar pela aids situa-se no outro grupo. Por exemplo, para os britânicos, há maior possibilidade de se contaminar na África devido ao primitivismo da região. Para os africanos, há mais risco na Europa devido à promiscuidade própria às sociedades ocidentais.

Esses estudos indicam a relevância em se estudar o impacto psicossocial da aids na atualidade, tendo como referência a TRS. Considerando-se a escola como uma instância importante de discussão sobre o tema, pesquisar as representações sociais da aids entre professores significa contribuir para essas reflexões. Os itens seguintes, que tratam da metodologia de coleta e análise de

dados, ilustrarão como se dá a abordagem do tema em um contexto escolar específico.

A inspiração na pesquisa etnográfica em educação

A pesquisadora permaneceu na escola entre agosto e dezembro de 2003, de segunda a sexta-feira, no período da tarde. Esse período de aproximadamente quatro meses foi considerado suficiente para a adoção de uma metodologia baseada na pesquisa etnográfica em educação, vista como a mais adequada para esse estudo.

De acordo com André (2000), a abordagem qualitativa que caracteriza a pesquisa etnográfica é um tema de atualidade para os estudos desenvolvidos no universo escolar. Segundo a autora,

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRE, 2000, p.27).

Geertz (1978) define a etnografia com uma “descrição densa”. Para o autor, o etnógrafo enfrenta múltiplas estruturas conceituais complexas, freqüentemente sobrepostas ou amarradas entre si, ao mesmo tempo estranhas, irregulares e implícitas. Primeiro tem que aprender e depois apresentar.

Embora esses fundamentos da etnografia descritos por Geertz sejam relevantes para a metodologia adotada nesta pesquisa, André (2000), ressalta a diferença entre os estudos desenvolvidos por etnógrafos e por estudiosos da educação. Para os primeiros, o foco de interesse é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social. Para os segundos, a preocupação central é com o processo educativo. De acordo com a autora, o que se tem feito é uma adaptação da etnografia à educação. (ANDRE, 2000, p.28).

Seguindo essas reflexões, percebe-se que a pesquisa etnográfica da prática escolar é uma pesquisa de caráter etnográfico e não uma pesquisa etnográfica, no seu sentido mais estrito. Esta é a perspectiva adotada nesse trabalho. A pesquisadora permaneceu na escola procurando dados que pudessem enriquecer as características observadas no universo escolar dentro do qual estão inseridos os professores que podem elaborar representações sociais a respeito da aids. Conhecer e compreender essas representações, em um contexto específico, foi preocupação marcante do estudo.

A escola e a caracterização dos professores

Antes do início da pesquisa, foi feito contato com a diretora e obtido o acordo para a realização do estudo. Na ocasião foi escolhida a 6ª série, indicada pela direção por ser um período em que os alunos começam a manifestar um interesse maior pelas questões sexuais. Os professores da 6ª série também foram contatados durante uma das reuniões promovidas pela instituição. Informados a respeito do estudo, mostraram disposição em contribuir.

Em 2003, a escola possuía 815 alunos distribuídos em treze classes de 1ª à 4ª séries e onze de 5ª à 8ª séries, funcionando no período de 7:00 às 12:00 horas e de 12:30 às 17:30 horas. Contava com uma diretora, uma vice-diretora, treze professores de Educação Básica I (PEB I), vinte professores de Educação Básica II (PEB II), uma PEB I responsável pela biblioteca, uma secretária, uma escriturária, duas inspetoras de alunos, três serventes e duas merendeiras.

Está situada em bairro que, embora não seja de classes favorecidas, atende a uma população que em grande parte não é caracterizada por níveis de precariedade sócio-econômica. Trata-se de uma escola pública considerada de boa qualidade na cidade, freqüentemente comparada a escolas particulares. É bastante concorrida, habitualmente com lista de espera para matrícula dos alunos.

As informações para a caracterização dos professores foram obtidas por meio de questionário, respondido pelos oito professores da 6ª série do período da tarde, responsáveis pelas áreas de Português, Ciências, Matemática,

História, Geografia, Artes, Inglês e Educação Física. Os dados solicitados foram: sexo, data de nascimento, estado civil, religião e se praticantes da mesma, profissão do pai, profissão da mãe, profissão do cônjuge, formação, tempo de formação como professor, tempo de trabalho em escola.

Os dados permitiram visualizar o perfil dos professores quanto aos aspectos sócio-profissionais que caracterizam o grupo. Assim foi possível conhecer um pouco mais o grupo que expressou suas representações sociais sobre a aids.

Representações sociais da aids: os discursos dos professores no contexto escolar

Serão apresentados aqui os procedimentos de coleta e análise de dados e a discussão dos resultados. As representações sociais da aids foram observadas em três etapas da pesquisa de campo: 1 – entrevista inicial com os professores; 2 – permanência regular da pesquisadora na escola até o final do semestre, com anotações em diário de campo baseadas em observações e contato com diversos sujeitos; 3 – entrevista com os professores no final do semestre para complementar dados anteriores.

O modelo construído para a análise dos dados, articulando as três fases, fundamenta-se na teoria moscoviana das representações sociais.

O fio condutor tem como fundamento a perspectiva processual da TRS proposta por Moscovici (1961), ou seja, a identificação da objetivação e da ancoragem, os dois processos formadores das representações sociais.

Segundo Moscovici (1978), o processo de objetivação relaciona-se ao “campo de representação”. Este remete à idéia de imagem, de modelo social, e diz respeito ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto do objeto de representação.

Para o autor, o “processo de objetivação” transforma elementos conceituais em figuras ou imagens e se manifesta conjuntamente com o “processo de ancoragem”. A “ancoragem” consiste na inserção da imagem no universo simbólico e significante das pessoas. Implica na integração da informação dentro do pensamento constituído e na utilização de categorias já

conhecidas para interpretar e dar sentido aos novos objetos que aparecem no campo social (MOSCOVICI, 1978).

Buscou-se identificar elementos dos processos de objetivação e ancoragem nos discursos dos professores. Há um modelo discursivo que situa a aids dentro de dois enfoques: um quando se referem à doença de uma maneira geral, e outro quando a contextualizam na escola. Ao falarem da aids de maneira geral, o aspecto que mais prevalece é a morte. Ao relacionarem aids e escola, se destaca a questão da sexualidade. No seu conjunto, os resultados mostram que o núcleo figurativo da representação da aids expressa, por um lado, a relação vida-morte, e por outro, a associação com a sexualidade, tema de difícil discussão no âmbito escolar.

Esse conteúdo leva à elaboração de diversas imagens, diferentes e articuladas, que podem sugerir indícios do processo de objetivação. Por exemplo: contágio, prevenção, promiscuidade, vulnerabilidade, resistência e medo em abordar o tema. Essas imagens se apóiam em significados construídos e familiares aos indivíduos que, por sua vez, podem indicar elementos do processo de ancoragem. Por exemplo: as questões mais biológicas (prevenção, contágio, tratamento, etc.) associam-se aos conhecimentos médicos e ao papel da medicina quanto aos progressos da ciência. As questões escolares estão ancoradas no enfoque educativo dado historicamente à sexualidade, às diferenças, às epidemias que abalam as sociedades. A forma de lidar com o tema depende de valores culturais específicos dos grupos presentes na escola.

Esta construção fundamenta a análise dos resultados obtidos nas três fases da pesquisa de campo, vistos de forma articulada.

Os resultados mais relevantes

As três fases da pesquisa forneceram um material vasto e rico. Devido à necessidade de síntese, não serão detalhados aos resultados de cada etapa separadamente. Serão ressaltados os dados mais relevantes do conjunto da pesquisa de campo, que foram vistos de forma integrada. Porém, é importante ressaltar que foi feita análise temática das duas entrevistas (inicial e final). Na primeira, dois temas-chave foram identificados, “Aids” e “Escola”, e na segunda três, “Trabalho Docente”, “Atividades sobre Aids” e “Transversalidade”. Considerando-se a alusão constante dos professores à sexualidade, foi também realizada uma análise temática sobre o assunto nas duas entrevistas. Em todos os casos foram construídas tabelas, com categorias e sub-categorias, não apresentadas aqui. Todos esses dados foram analisados em articulação com aqueles anotados em diário de campo, obtidos por meio da observação da pesquisadora durante sua permanência na escola.

As entrevistas semi-estruturadas foram feitas com os oito professores que responderam ao questionário. Conforme orientações de Castro (1993), foram realizadas “considerando o roteiro exclusivamente em sua função orientadora, permitindo assim que os entrevistados tivessem a possibilidade de desenvolver seus discursos com maior liberdade” (p.152).

A análise de conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 1986), fundamentou a análise desse material. Para Minayo (1996), a análise de conteúdo relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Segundo Bardin (1986), a análise de conteúdo pode ser definida como

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (p. 42).

A análise de conteúdo temática permitiu descrever a superfície das entrevistas, analisando-a e articulando-a aos fatores que determinam suas características, como aspectos psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção do discurso.

Durante sua permanência na escola, a pesquisadora entrou em contato com os professores para conversas informais em diversos momentos (início e

término das aulas, sala dos professores, recreio), e se colocou à disposição para que eles relatassem tudo que fosse abordado a respeito da aids no contexto escolar. Observou-se que sua presença alterava o ambiente na medida em que os sujeitos, assim que a viam, justificavam certas práticas relacionadas à abordagem da aids na escola. Nesse contato regular, a interação que o pesquisador estabelece com os sujeitos é fundamental para a obtenção dos dados necessários. Como menciona André (2000),

Subjacente ao uso de técnicas etnográficas existe o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado, princípio esse que determina fortemente a segunda característica da pesquisa do tipo etnográfico, ou seja, que o pesquisador é o instrumento principal na coleta e análise dos dados. Os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador. O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia durante o desenrolar do trabalho (p.28-29).

Embora os professores tenham levado aproximadamente dois meses para se familiarizar com a presença da pesquisadora, na medida em que o contato foi se tornando freqüente eles compreenderam que os resultados do trabalho poderiam contribuir para suas práticas e a interlocução passou a ser mais espontânea.

A pesquisadora se aproximou de vários ambientes da instituição. Sempre que possível, houve contato com a secretária, com a direção e com demais funcionários da escola, envolvendo faxineiros, cozinheiros e auxiliares, acreditando-se que cada um poderia ter algo a acrescentar para a pesquisa.

Uma das temáticas abordadas foi a transversalidade, percebendo-se diferenças entre os professores. Alguns relataram que a aids não foi trabalhada em suas disciplinas, porém, se manifestam favoráveis à transversalidade e até mesmo exemplificaram maneiras de se trabalhar o assunto como um tema transversal. Embora iniciativas tenham sido percebidas nesse sentido, não foi possível apreender como os professores compreendem de fato e aplicam a

transversalidade proposta pelos PCN. Às vezes foram necessárias explicações por parte da pesquisadora. Observou-se que as práticas nesse sentido são ainda imprecisas, suscitando mais discussões no ambiente escolar.

Quanto a experiências ou atividades relacionadas à aids na escola, pouca coisa foi mencionada. Há unanimidade quanto à escassez ou mesmo ausência de atividades nesse âmbito. Alguns relataram a ocorrência esporádica de eventos na escola. O único observado durante a pesquisa de campo foi uma seleção de frases. As melhores seriam escolhidas para exposição em praça central da cidade, no dia 1º de dezembro, em que se comemora o Dia Mundial da Aids. Não foi um projeto no qual a escola tenha se engajado de fato, e que tenha provocado discussões em seu interior. Observou-se o cumprimento de uma exigência externa, visto que todas as escolas da cidade participariam. A oportunidade não foi aproveitada para se discutir o tema no universo escolar.

Conforme já mencionado, as RS da aids entre os professores envolvem a relação vida-morte e sexualidade. Vários temas evocados derivam desses dois eixos: prevenção/informação, contágio, cura, pacientes terminais, drogas, estigma, preconceito, discriminação, medo, relações familiares e sociais, promiscuidade, valores, vulnerabilidade, situação político-social do país. Alguns discursos podem ser apontados, quando os professores expressam o que lhes vêm à mente quando pensam em aids:

“Droga, promiscuidade, né?... o sexo e infelizmente o problema do hemofílico, né?... da transfusão de sangue” (Professora de Matemática).

“Conformismo... falta de informação, falta de expectativa, de perspectiva... ‘comigo não vai acontecer’, né? Sempre acontece com o outro... tristeza, né? Até quando? (...) Esses jovens de hoje, outros valores, outros atributos chamam atenção a ele (...) E a escola está se vendo... perdidamente... perdida, né?... nessa... nesse rolo de coisas a serem administradas” (Professor de Ciências).

Quanto à possibilidade de abordar o tema em sala de aula, as falas giram em torno de discutir sexo e suas conseqüências, por exemplo:

“É um pouco difícil, pois tem aqueles alunos que ainda são ingênuos e que a família é um tanto tradicional” (Professor de Ciências).

“Um pouco complicado porque envolve sexo, drogas e muitos preconceitos” (Professor de Educação Física).

Cumprir o conteúdo programado por meio do livro didático pode também ser um dos fatores que compromete a abordagem da aids. Embora seja um tema social atual que afeta os adolescentes, ele não constava no livro didático diretamente. Os professores alegaram que, se o tempo é insuficiente para cumprir o conteúdo do livro, é mais insuficiente ainda para a discussão de outras temáticas. Foi observado cansaço, decorrente de longa jornada de trabalho. Às vezes essa condição justificou a não abordagem da aids. Uma fala comum é que o assunto exige preparação, havendo escassez de tempo devido ao excesso de trabalho.

O tema é encarado como matéria extra, suscitando necessidade de um especialista para discuti-lo. Devido à sua relação com sexualidade, trata-se de assunto polêmico que trás problemas com pais e alunos, caso os professores não estejam preparados para abordá-lo.

Percebe-se que essa relação entre aids e sexualidade sempre retorna nos discursos dos professores. Por exemplo:

“A única coisa que eu tenho medo são os pais, como os pais aceitariam isso” (Professor de Ciências).

“Eu penso que para a maioria dos professores a dificuldade é o sexo” (Professor de História)

“Eu acho que há necessidade de haver um bom preparo pra gente poder esta fazendo abordagens com as crianças; porque envolve muito mais do que só falar sobre a aids, né? Envolve falar sobre sexo, drogas, né. E é um tema muito preconceituoso...” (Professor de Educação Física).

Percebe-se um certo silenciamento quanto à aids. O tema é evitado na escola por duas razões principais: 1- os professores consideram sua formação insuficiente para trabalhar a temática de forma espontânea e transversal, de acordo com os princípios dos PCN; 2- trata-se de tema que causa constrangimento porque se relaciona à sexualidade.

De acordo com Louro, a escola é fundamental na sociedade, constituindo-se num espaço onde as questões sexuais estão presentes:

... é indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado. Na instituição escolar, estão presentes as concepções de gênero e sexuais que, histórica e socialmente, constituem uma determinada sociedade. A instituição, por outro lado, é uma ativa constituidora de identidades de gênero e sexuais. Em outras palavras, a escola (em seu espaço físico, em seus regulamentos, currículos, normas, programas, em suas práticas, nas falas, atitudes e gestos das pessoas que ali convivem) é atravessada pelas concepções de masculinidade e feminilidade, pelas formas de sexualidade de uma dada sociedade (LOURO, 2000, p. 87-88).

Observou-se que os alunos trazem as questões sexuais que lhes interessam, mas a instituição e, conseqüentemente, os professores, evitam adentrar no tema, percebido como assunto proibido. Os alunos conversaram sobre isso com a pesquisadora. Um deles contou que durante uma aula o professor estava explicando o corpo humano e, quando chegou nos órgãos genitais, se irritou com as risadas e brincadeiras que surgiram no decorrer de sua explicação, e interrompeu o assunto.

Como aponta Louro (2000), apesar dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão (amplamente assistida por crianças e adolescentes), trazerem esse tema de forma aberta, quanto a horário e público, ainda é grande a barreira que separa o aluno dessa temática no interior do espaço escolar:

... a sexualidade se relaciona com componentes 'naturais' das pessoas (se é que podemos isolar algum componente como exclusivamente natural), mas ela se relaciona também, e de forma mais intensa, com rituais, palavras, fantasias, normas, enfim, com componentes culturais e sociais que um determinado grupo compartilha. A sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade, mais do que com a biologia. Ora, parece impossível separar a escola de tudo isso (LOURO, 2000, p.88).

Sobre a abordagem da aids na escola, um dado fundamental foi observado: o papel da diretora. Uma das anotações mais marcantes do diário

de campo foi a ênfase dada, pela direção, à manutenção de disciplina e ordem na instituição. Há algumas regras veiculadas na escola, por exemplo, filas separadas por série e sexo são vistoriadas pela diretora, que controla todas as atividades. Observou-se que essas atitudes provocam no professor o sentimento de ter o compromisso de manter a ordem e seguir os valores da direção, que exerce um poder centralizador no espaço escolar.

Em um dos encontros com a pesquisadora, a diretora teceu comentários sobre os índices assustadores da aids na atualidade. Procurou-se então desenvolver um diálogo nesse sentido, anotado em diário de campo:

Pesquisadora: A escola trabalha o tema nas aulas de todas as disciplinas?

Diretora: Olha, a ênfase maior é na matéria de Ciências nas séries mais avançadas, 7^a e 8^a, mas acontece de ter algum texto em Português que fale da doença ou coisa assim.

Pesquisadora: No projeto pedagógico da escola os Temas Transversais estão presentes?

Diretora: Sim, estão.

Pesquisadora: Se os índices são assustadores e na proposta da escola os Temas Transversais estão presentes, porque não se trabalhar o tema com maior frequência?

Diretora: O assunto aids trás o tema sexo, que é polêmico e gera polêmica, portanto tudo o que é feito deve ser comunicado antes aos pais. A nossa preocupação maior é com os pais, principalmente os evangélicos, por isso nada que diga respeito a sexo é trabalhado de forma espontânea. É sempre algum tipo de ação esporádica, na qual os pais são antes comunicados. É preciso acima de tudo que os pais sejam avisados e que de preferência venha algum profissional de fora para falar do assunto.

Nesta conversa percebe-se claramente uma das razões que justificam as resistências em debater temáticas relacionadas à sexualidade na escola. A diretora define conteúdos a serem discutidos de maneira a não causar polêmicas, principalmente com os pais. A religião aparece como justificativa. Essa rede complexa de relações envolvendo professores, alunos, famílias e direção foi importante para compreender o tipo de abordagem que se faz da aids na escola e que conseqüentemente afeta as representações sociais que os professores constroem sobre o tema.

Os participantes do estudo pareceram envolvidos e comprometidos quando alguma atividade é proposta pela direção. Assim, pode-se supor que, se o tema aids for mais autorizado no interior da escola, eles tentem abordá-lo apesar das eventuais dificuldades pessoais que possam enfrentar. Observou-se que suas maiores necessidades se associam à orientação e formação para trabalhar o assunto, o que pode ser contornado em função da maneira que a instituição se propõe a tratar o tema.

Cabe a cada escola tentar trabalhar a temática dentro de suas necessidades e realidade sócio-cultural. No caso da instituição pesquisada, percebe-se um caminho a ser percorrido nesse sentido. O tema aids atravessa seu cotidiano em alguns momentos e, embora com certo mal-estar, acaba sendo comentado. Talvez seja um começo para futuras discussões e reflexões que possam, de certa forma, provocar mudanças quanto à abordagem do tema, conseqüentemente nas representações sociais dos professores.

Algumas considerações

Um dos principais pontos de reflexão do trabalho é a relação entre aids e sociedade, que se manifesta no contexto escolar. A pesquisa buscou evidenciar o papel da escola em participar de debates sobre um tema emblemático da realidade atual.

O trabalho tenta mostrar a realidade de uma escola municipal de uma cidade de pequeno porte do interior de São Paulo, situando-a num contexto nacional quanto a políticas educacionais. Houve uma ilustração de como os Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais estão sendo implementados em uma realidade local, e as dificuldades para que isso ocorra nas práticas escolares. Por meio das representações sociais de professores dessa escola mostrou-se que existem valores e uma moralidade que fazem parte de comunidades locais, influenciando a aplicação de políticas amplas elaboradas em âmbito nacional.

Foram levantados temas abrangentes, possibilitando o desdobramento da pesquisa aqui apresentada. Os dados são ricos e incitam novos estudos envolvendo a aids no universo escolar. Espera-se que o retorno do material à

escola provoque discussões quanto à sua abordagem, propiciando ações que favoreçam a instituição e seus respectivos sujeitos.

RITA DE CASSIA PEREIRA LIMA

Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1982), graduação em Ciências da Educação - Université René Descartes/Paris V(1987) e doutorado em Ciências da Educação - Université René Descartes/Paris V (1994). Atualmente é professora doutora da Universidade Estácio de Sá-RJ. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Representações Sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: representações sociais no universo escolar, ensino fundamental, violência, saúde, práticas educativas

FLÁVIA CHAVES RAMOS

Pedagoga pelo Centro Universitário Moura Lacerda (CUML) de Ribeirão Preto/SP, Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.-C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A.S.P., OLIVEIRA, D.C.(orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000, p.27-38.
- ABRIC, J.-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: P.U.F., 2001.
- ADAM, P., HERZLICH, C. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru: EDUSC, 2001.
- ANDRE, M. **Etnografia da Prática Escolar**. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- ARAUJO, U.F. Prefácio. In: BUSQUETS, M.D. **Temas Transversais em Educação – Bases para uma formação integral**. 6ª ed. São Paulo: Atica, 2000.
- BARDIN, L.. **L'analyse de contenu**, Paris: P.U.F., 1986 (1977).
- BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CASTRO, R.V. **Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro**. In: SPINK, M.J. (org.) **O conhecimento no cotidiano – As**

representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JODELET, D. **Représentations Sociale: phénomènes, concept et théorie**. In: MOSCOVICI S. (org) *Psychologie Sociale*, Paris: P.U.F., 1996 (1984), p.357-378.

JODELET, D. **Représentations sociales: un domaine en expansion**. In: JODELET D. (org.) *Les représentations sociales*. Paris: P.U.F., 1993(1989), p.31-61.

JOFFE. H. “Eu não”, “**O meu grupo não**”: **representações sociais transculturais da aids**. In: S. JOVCHELOVITCH, P.GUARESCHI (orgs.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.297-322.

LARUE, R. **École et santé: le pari de l'éducation**. Paris: Hachette, 2000.

LOURO, G.L. **Sexualidade: lições de casa**. In: MEYER, D.E.E.(org.) *Saúde e sexualidade na escola*. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 85-96.

LÜDKE, M., ANDRE, M.E.D.A . **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.S.C. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**, São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996 (1992).

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: P.U.F., 1961.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (1961).

MOSCOVICI, S. **Des représentations collectives aux représentations sociales**. In: JODELET, D. (org) *Les représentations sociales*, Paris: P.U.F., 1993 (1989), p.62-86.

PERETTI, C., KARSENTI, M., LESELBAUM, N., **La prévention du sida em milieu scolaire**. Paris: INRP, 1993.

SÁ, C.P. **Núcleo Central das Representações Sociais**, Petrópolis: Vozes, 1996.

SEFFNER, F. AIDS & escola. In: MEYER, D.E.E. (org.) **Saúde e sexualidade na escola**. 2ªed. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 125-143.